

OS "CHÓROS"

O que são os "chóros" — A nossa visita — Tinha a palavra um significado — Resposta solenemente — O botafumeiro — O fuzgapi — A dança — Keremese em benefício dos cofres sociais — Charicatos de salvação.

É bem difícil para quem não conhece os termos do argot brasileiro, essa gíria manhosa que por semelhante em todos os recantos, deffrar o seu conteúdo e derivativo acertadamente.

A primeira visita, tratamos-se por exemplo da palavra Chôro, que é acophyta no sompento, fica abstracta e pensa com certeza que ella é vyanismo de pranto e era acudo assim, representadora de um conchecto de lagrimas.

Tal porém não acontece, porque a palavra Chôro, na gíria tem uma significação muito diversa.

Chôro, quer dizer, nada mais, nada menos que um palpitante e sonaroso baile dos matins que se realizam nos sabbados e domingos, com todos os ritmos da pragmatia flozante, nos diversos arruallados da nossa capital.

Quem não sabe e nem dispõem o tempo ou não quer ter o trabalho de procurar no encyclopedico da jornaal da lyra o derivativo da palavra Chôro, pôde achar que o termo é mal adaptado, quando elle é muito bem empregado.

É que tais bailes são tão chocantes, tão tanta attraçção e tais encontros, que deixam a alma do mais arruallado mortal que nelles toma parte, encerrada pelo delirio da embriagada alegria, que é tanta... a jornaal de individuos chorar de prazer. Esta é uma opinião.

Outros estores, divergem do assumpto, acreditando que a palavra Chôro é assim applicada, porque nos tais bailes ha tanta familiaridade e é tal o abuso do alcool, que a dança quasi sempre acaba em puerandaria grossa, havendo ferimentos e até mortes, o que naturalmente nos sensíveis coraçoes produz o chôro.

Mas deixemos o derivativo da palavra e os seus conchectos, porque a jornaal da lyra, não se olha e nem pensa em causa l'vies, indo com o coraçao a pulsar para os vaitos (quando não são apertados) salões dos famosos Chôros e outros no assumpto.

Ha muito que pretendiamos fazer uma visita aos salões de um desses Chôros e domingo ultimo estava-



mos de bla veneta e nos dispuzimos a isso.

O escolhido foi o "Grupo Dançante e Recreativo Familiar, Filhos do Prazer da Meia Lua", situado no aprazível bairro da Saúde.

Seriam 10 horas da noite quando lá chegamos.

A sede do grupo, que é situada em um segundo andar, estava esprechosamente iluminada com candolabros de keremese, o que dava uma bella claridade...

Na varanda da frente, um grande numero de bandeirinhas presas a grade e um alto mastro com uma enorme bandeira, tendo na base um ocudo com os diâmetros do grupo, serviam a ornamentação externa.

No interior da sala, os paredes estavam artisticamente cobertas com mascaras de diversas fantasias curruvalocosa. Resolvemos entrar.

Ao chegarmos ao alto da escada, ocvimos uma miudinha polka e os patos animavam-se na sala.

Notámos que o trajo de rigor era calça branca e gravata vermelha.

Dirigimo-nos a um cavalheiro e dissemos:

— Somos representantes do seu jornaal.

O cavalheiro ficou confuso, deu-se um sector de amabilidade e não sabia como nos receber, gago-jou e affia e gritou:

—O Vinte e Nove, é Vinte e Nove, elle se repete da jornaal.

Na sua herreporter da jornaal, a dança prima nos gritos do supposto de a musica!

Vimo-nos logo cercados e examinados por todos os patos.

—O Vinte e Nove, tornamos a gritar.

O'hergou o Vinte e Nove. Um typo baizo, garbo, com

uma enorme cabellera.

— Os senhores são da jornaal?

— Perfeitamente, queriamos assistir ao baile.

— Frego muito de: tocá nos seus fons, aperte as minha mão e entre, qui não todo gostoso da imprudencia.

— Muito agradecido.

—O' Coizeririsko a colheca os tempo dos tocos em cima do amato.

Deimos os nossos chapéus ao tal Coizeririsko e entramos para o interior da sala.